

COMO CELEBRAR O MISTÉRIO PASCAL NA CULTURA GAÚCHA?

Observação:

Foi-me solicitada permissão de oferecer o presente texto para os participantes do último encontro sobre enculturação da liturgia e a missa crioula. Sem problemas, mas com algumas ressalvas:

É um texto antigo, mais apontamentos que escrito elaborado, já escrito há mais de 10 anos atrás; hoje precisaria ser atualizado e completado a partir dos encontros realizados e avanços no campo da teologia litúrgica e pastoral. O escrito tem muitas limitações.

É um texto de estudo para as pessoas envolvidas e interessadas na celebração das “missas crioulas”. Portanto, não se destina a publicação em revistas, livros, jornais e nem nas redes sociais.

Pessoalmente, gostaria muito ter participado do último encontro para refletir e conversar com os amigos sobre os caminhos da enculturação das “missas no estilo gaúcho”, mas não foi possível, infelizmente. Sinto que esse texto precisa ser melhorado, aprimorado e melhor fundamentado a partir dos estudos e pesquisas mais recentes. Quem sabe em 2016, com os meus 75 anos, portanto, emérito, consiga fazer algo. Por isso, aguardo sugestões e inspirações.

INTRODUÇÃO

O Mistério Pascal de Cristo é fundamental no processo de inculturação da liturgia e para se falar com propriedade da Missa Crioula (MC). A MC será missa de Jesus Cristo na medida em que ligar a assembleia celebrante com a Páscoa de Cristo e a Páscoa do Cristo nela estiver presente.

No II Encontro tradicionalista cristão, de 7 e 8 de abril do ano passado, ouvimos o Pe. Paulo Aripe dizer que liturgia e MC não são espetáculo, show, folclore, apresentação teatral, promoção de cantores e artistas nem simples cultivo das tradições dos antepassados.

Falar em MC é algo sério e de consequências, positivas e negativas, incalculáveis. Não se pode ser livre atirador e muito menos improvisador. Há na MC o encontro de duas vertentes que concorrem para a criação e o cultivo da identidade do povo gaúcho: a memória da Páscoa de Jesus Cristo e a memória da História do Rio Grande do Sul.

A MC pretende, hoje, aqui e agora, na assembleia litúrgica, com este povo gaúcho, fazer memória de Jesus Cristo, tendo como porta de entrada a história, a cultura, os valores, os costumes, as tradições e as lides do povo que vive e faz história neste chão. A celebração da MC pretende ainda, na e com a cultura gaúcha, expressar e alimentar a fé do povo na força, no projeto, na vitória, na vida e na ressurreição de Jesus Cristo.

Em outras palavras, a MC pretende selar profundamente na vida das pessoas a identidade com o Verbo Encarnado. Ou seja, fazer pulsar a vida de Jesus na cultura e na vida do gaúcho. Ao mesmo tempo, a MC, na linguagem gaúcha, pretende mostrar quem foi Jesus Cristo, dizer o que Ele fez, vivenciar o que Ele viveu e denunciar porque foi assassinado, quando peregrino pelas terras da Palestina.

A MC quer ser memória viva de Jesus Cristo, no hoje do coração e da história do Rio Grande do Sul e ao mesmo tempo ser acolhida das pessoas que optam seguir esse Tropeiro, abraçando a Grande Cruz Campeira. Diga-se de passagem: o sentido da Cruz Campeira. É um símbolo e não folclore.

Símbolo de que? Talvez a catequese gaúcha devesse começar pela oração em torno desse símbolo, uma vez que toda a missa começa com sinal da cruz, tendo no centro da assembleia a Cruz Campeira.

O símbolo não se explica, mas nele se inicia a pessoa que, ao longo da vida, irá descobrir os seus milhares de significados. Veja: Cruz Campeira – grande, rude, despojada, feita por mãos calejadas, de madeira recolhida nos descampados... lembra a vida, a história, o sofrimento, as conquistas, as vitórias, a fé, o divino, a relação com o Jesus Cristo, a presença da Páscoa na caminhada do povo, conforta, alimenta a esperança, aponta para o infinito.

Antes de falar em MC, talvez, seja preciso religar nossos símbolos campeiros com a vida e os passos de Jesus. Ou perceber os sinais da páscoa de Cristo presentes nos símbolos, nos gestos e nos ritos do povo gaúcho: a acolhida, o chimarrão, o lenço, o pala, a hospitalidade, a festa, a honestidade, o amar às tradições, a relação familiar, a vida simples, a música. Numa palavra: o que tudo isso tem a ver com a Páscoa de Jesus Cristo? Ou como a Páscoa está presente e vivificando estes gestos, ritos e símbolos?

Uma referência ainda se faz necessária: como recuperar na perspectiva da Páscoa do Cristo: Sepé Tiaraju, Negrinho do Pastoreio, Semana Farroupilha, ...

Aqui surge o ensinamento sábio da Igreja: sem fé não é possível celebrar. Ou seja, celebração é ação de pessoas comprometidas com Jesus Cristo, convertidas e enviadas em missão. A missa e a liturgia exigem iniciação na História da Salvação, na vida comunitária ou eclesial, no sentido e significado dos ritos e símbolos e na celebração cristã. Às vezes, pode acontecer que a MC não atinja o coração das pessoas e nada signifique para elas porque lhes falta a base: a fé em Cristo Jesus. Ou seja, uma identificação com Ele. Uma opção consciente por Ele.

A liturgia acontece na história e é celebrada no rito.

A enculturação depende da visão que se tem de liturgia e cultura. Comporta um projeto de Igreja e uma opção teológica. A inculturação e a MC não têm um fim em si mesmas. São meios. São caminhos. São encontros. São sinais que sinalizam e realizam alianças. O importante não é a MC. O que salva não são as santas missas e as celebrações dos sacramentos. Mas o importante e o que salva é o que elas produzem, realizam, revelam, recordam, provocam e consomem. A MC não é uma coisa que fazemos para Deus. Mas através da MC Deus realiza a sua obra e a sua liturgia em nossa vida.

Abramos uma porta para entender melhor do que se trata.

O que é Liturgia?

Liturgia na linguagem popular grega significa todo serviço prestado em favor do bem comum. Em favor do povo. Em favor da vida e de tudo que a sustenta. É uma ação que pode ser política, econômica, cultural ou religiosa. Serviço para melhorar a vida do povo ou lhe dar melhores condições de vida.

A Bíblia fala de Alguém que sempre prestou e continua prestando um imenso e admirável serviço em favor da vida da humanidade. Esse Alguém é Deus. Se há alguém que sabe fazer “liturgia”, isto é, agir em favor do povo, é Deus. Ele é o “liturgo” por excelência. Ele faz um verdadeiro serviço, uma verdadeira “liturgia”.

Ele fez “liturgia” pela criação. A beleza da criação: contemplar a criação é colocar-se diante de Deus liturgo. É acolher a “liturgia” que Deus faz para todos nós... a beleza e grandeza dos

mares, rios e florestas; a harmonia do canto dos pássaros; a imensidão do céu pintado de estrelas; a riqueza multiforme das cores; a quantidade de animais...

Depois chamou o ser humano para ser seu colaborador nocultivo deste imenso jardim da criação. Chamou as pessoas para trabalhar com ele, pois ele não sabe trabalhar sozinho. Trabalha em equipe. Deus é eminentemente um ser comunitário. A experiência da libertação da escravidão do Egito foi vista como uma obra maravilhosa de Deus em favor do seu povo, através de Moisés.

As alianças entre Deus e o seu povo, para o bem do ser humano, são obra de Deus em favor do ser humano. A água da rocha, o maná no deserto, a terra conquistada, são vistos como obras de Deus. Maravilhosas "liturgias" operadas por Deus. O envio de profetas, reis, sacerdotes, para que o povo tenha segurança, dignidade e vida. Os gregos diriam: "liturgia" (serviço) de Deus.

E o tempo sagrado, marcado por festas comemorativas da obra de Deus, realizada e em realização, na história do povo, como Páscoa, Pentecostes, Festa das Tendões... garantem a memória permanente da "liturgia" de Deus, para que o povo, colaborando com Deus nesta "liturgia", permaneça engajado na luta em favor da vida e na aliança com Deus...

E, chegando à plenitude dos tempos, Deus prestou o máximo serviço salvador ("litúrgico") à humanidade. Enviando seu próprio Filho realizou a maior "liturgia".

E a vida de Jesus foi uma vida "a serviço" em benefício das pessoas. Toda a sua vida, na linguagem dos gregos, foi uma "liturgia". Jesus mesmo diz: "Não vim para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate (serviço) de uma multidão" (Mc 10,45).

O máximo da "liturgia" de Jesus se deu na sua paixão-morte-ressurreição, pela qual resgatou a humanidade da escravidão e do pecado. É o Mistério Pascal de Cristo. É a plenitude da "Liturgia"! Entregou-se, serviu, doou o seu corpo; entregou, serviu, derramou e ofereceu o seu sangue.

Depois vem Pentecostes, o envio do Espírito Santo, pelo qual os discípulos do ressuscitado, organizando-se em comunidade sob a orientação dos apóstolos, continuadores da missão de Jesus Cristo, se sentiam e se consideravam realmente Povo de Deus, Corpo de Cristo, Templo do Senhor.

Tudo isso, hoje, Deus continua realizando. Hoje ele continua nos prestando o melhor serviço: chamando-nos à vida e a sermos colaboradores seus, fazendo-nos seus discípulos, somos seus filhos e filhas, pessoas da sua família...; denunciando a corrupção que "mata" a vida; resgatando a dignidade humana; alimentando-nos e fortalecendo-nos na luta, pela Palavra e pelos Sacramentos. Deus, hoje, portanto, continua a fazer a melhor "liturgia", diriam os gregos.

Esse Deus "liturgo" é celebrado. A "liturgia" que Deus é e que Deus faz, nós a celebramos, ela se faz "célebre", torna-se vivamente presente quando a celebramos. Mas como? De que jeito? De inúmeras maneiras. Pela celebração da eucaristia em primeiro lugar. Pois, pela celebração da eucaristia, quando celebramos Jesus: naquela noite de despedida, reunido com os seus ao redor da mesa, tomou o pão, rendeu graças, louvou e agradeceu, partiu e distribuiu o pão, e disse: *Fazei isto em memória de mim.*

Que memória? Memória é a “liturgia” de Jesus, ou seja é o serviço, a doação, a entrega de Jesus.

Eis o Mistério da fé. Mistério da fé é essa entrega de Jesus para fazer a vontade do Pai para salvar, reconciliar, libertar a humanidade. Esse lavar os pés para ensinar que veio para servir e não ser servido. Para ensinar que a salvação passa pelo serviço, pela doação e pela solidariedade em favor da vida.

Mistério da fé para nós é conhecer essa liturgia, essa entrega, doação, partilha de Jesus que revoluciona a história, recria a humanidade, instaura o Reino.

Colocar a nossa vida na “liturgia de Jesus” para que o mundo e a humanidade sejam salvos e o Pai seja glorificado. Por isso, na missa Jesus se oferece conosco ao Pai e nós nos oferecemos com Cristo ao Pai para que haja vida em abundância para todos.

Também pela celebração da Palavra, pelos Sacramentos, Ofício Divino (liturgia das horas), bênção, devoções, romarias, procissões...

Essa “liturgia” celebrada, o Vaticano II a define como *“exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo, no qual, mediante sinais sensíveis, é significada e, de modo peculiar a cada sinal, realizada a santificação do homem; e é exercido o culto público integral do Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”* (SC 7). Nela, a celebração da Liturgia, Jesus continua hoje atualizando seu “corpo entregue” e seu “sangue derramado” a serviço da vida de toda a humanidade. Nessa liturgia Deus continua operando de maneira nobre, eminente e plena.

A MC nasce na “liturgia” de Deus

A MC não pode esquecer esta dimensão da liturgia que Deus é. Tudo deve ter como referência essa visão de liturgia. Por isso todo investimento, toda preparação da celebração, todas as funções e mistérios, todos os cantos, todas as orações e procissões têm sua origem nesta liturgia que Deus é e devem levar a participação nesta “liturgia”.

A MC não é apenas uma missa diferente nem tem por objetivo agradar os gaúchos nem é espaço para se cultivar as tradições e dar brilho à Semana Farroupilha, mas uma ação que visa introduzir nesse espírito da liturgia que Deus é para nós, com o intuito de ajudar as pessoas a acolhê-la, celebrá-la e realizá-la no mundo. O espírito dessa liturgia passa pelo cultivo da solidariedade, da amizade, pelo espírito do trabalho em equipe pela vivência da partilha e pela entreatajuda, pela conversão do coração para o comunitário, pelo respeito e pelo amor à vida.

Então cultivar a MC entre os gaúchos, na cultura gaúcha, significa cultivar na comunidade a liturgia que Deus faz por nós e para nós. É ajudar as pessoas a entrarem nessa liturgia, especialmente através das celebrações.

E aí surge uma pergunta: como devem ser as Missas Crioulas para que passem para as pessoas esse jeito de Deus ser, amar, servir, realizar a misericórdia e a libertação? Como deve ser um ensaio de canto antes da MC para que as pessoas sintam o jeito de ser do nosso Deus? Como deve ser a presidência das celebrações para que nela se revele o rosto do Deusliturgo? Como devem ser feitas as leituras e como deve ser a atuação dos animadores para que nelas se mostre a ação litúrgica de Deus? As Missas Crioulas estão revelando esse jeito de Deus fazer liturgia e se relacionar conosco?

Claro, nunca se pode esquecer os valores, as tradições, a cultura e a história do povo. A liturgia sem cultura não é possível. A cultura é o seu berço, o seu colo, a sua linguagem, a sua compreensão e expressão.

E a MC só existe porque Cristo, naquela noite de despedida, fez uma refeição, ao redor de uma mesa, antecipando tudo o que aconteceria no dia seguinte, deixando o mandato ou testamento: Fazei isto em memória de mim. Ou seja: fazei refeições, rendei graças, partilhai a comida para me lembrar e assumir comigo o caminho até a cruz, abraçar o mundo e a humanidade com a solidariedade do Pai, perdoadando o ladrão e cantando a misericórdia de meu Pai. *Eu estarei convosco até o fim do mundo.*

A MC como qualquer outra liturgia atualiza a Páscoa de Cristo. O que significa isto?

Significa que nós ao fazermos a MC estamos profundamente sintonizados com os sentimentos, a opção, a entrega, o projeto e a obediência de Jesus ao Pai. E Jesus Cristo, na força do Espírito Santo, imprime, grava, insere, enraíza em nossa vida o seu modo de amar, servir, sentir, doar-se, perdoar e nos reveste, por dentro e por fora, com a sua força pascal, que vence a morte, o pecado e o medo e liberta para uma vida de fraternidade e nos ressuscita para uma vida nova, cheia de amor para Deus e os irmãos.

Liturgia e Inculturação

Como se faz o noivado e o casamento entre liturgia e cultura? Como e onde se dá o encontro? Por que o casamento entre cultura e liturgia é indissolúvel? Em que consiste a fidelidade da cultura e a fidelidade da liturgia?

Na conversa feita acima, estão os elementos para entender este casamento indissolúvel. Para manter a conversa, quero me apoiar em um grande estudioso do assunto e profundo conhecedor da liturgia e do alcance histórico da cultura de um povo, Pe. José Raimundo de Melo, SJ.

José Raimundo afirma: *Inculturação litúrgica é o processo de encontro entre a liturgia cristã e uma determinada cultura, realizado com tal respeito pelos valores que distinguem esta cultura, que muitos destes, por serem correlatos à liturgia, passam normalmente a ser veículo de expressão dos atos litúrgicos. Em outras palavras, temos enculturação quando, no encontro entre Liturgia e a cultura, os elementos litúrgicos inserem-se de tal modo no seio da cultura, que naturalmente a liturgia vai se expressar através dos pensamentos, linguagem e modelos rituais próprios de tal cultura. Inculturar a liturgia significa inseri-la no profundo do coração de uma cultura e deixá-la manifestar-se de acordo com o jeito de ser desta. Significa, em definitivo, ser fiel à tradição eclesial, que nos manda responder positivamente às urgentes necessidades pastorais de nossos tempos, exigindo a harmonização do trinômio fé e cultura. Afinal, o culto cristão deve ser sempre realizado em conformidade com a linguagem de cada povo e com a índole própria de cada nação.*

Esta reflexão nos leva muito longe na compreensão e alcance do processo da inculturação e nos remete a uma pergunta sobre qual é o fundamento da inculturação. Esse fundamento não só apoia a MC, mas vai mais longe, dizendo que a Igreja sem inculturação não poderá subsistir nem ser fiel ao evangelho.

Fundamentos da inculturação

Recorrendo ao Concílio Vaticano II, encontramos uma afirmação básica para nossa conversa: *“A Igreja, afim de poder oferecer a todos o mistério da salvação e a vida trazida por Deus, deve inserir-se em todos os grupos de povos impelida pelo mesmo movimento que levou o próprio Cristo, na encarnação, a sujeitar-se às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu”* (Ad Gentes 10). Cristo, por sua encarnação, se ligou a certos elementos sociais e culturais de seu povo. O Verbo, efetivamente, se fez hebreu. Não só se fez um homem universal, mas se fez um hebreu concreto. O Verbo não se tornou *“Ántropós”*, mas *“Sarks”*.

Esse é o fundamento da encarnação. E isso é irreversível, realizado uma vez para sempre. O Verbo não se encarnará de novo de modo histórico, assumindo a natureza humana universal, assumindo um povo. Quando se fala em *“economia da encarnação”* se fala de um fato histórico, que não se repetirá mais.

A Igreja toma como paradigma, como modelo, a economia da encarnação. Ela deve fazer-se *“carne”* como o Verbo se fez carne, deve se encarnar no meio de cada povo. Deste modo, Cristo ressuscitado se faz presente, visível no seu sacramento, isto é, na Igreja encarnada.

Na sacramentalidade, na visibilidade da Igreja, Cristo se torna visível. Mas a Igreja torna-se visível enquanto encarnada, enquanto se faz carne.

“Tudo o que era visível em Cristo, agora passa ao sacramento da Igreja” (S. Leão Magno). Quando quisermos ver como era Cristo, deveremos ir até a Igreja. A Igreja-sacramento torna Cristo visível na sua visibilidade, que é a Igreja. A Igreja deve ser encarnada localmente para ser Igreja universal. A visibilidade da Igreja implica sempre as condições culturais, sociológicas, reais do povo no qual se encarna. Nesta visibilidade Cristo se torna presente. Assim, o fundamento último de toda inculturação da Igreja e da liturgia é a própria encarnação do Filho de Deus!

Inculturação: vantagens para a liturgia e para a cultura

Tanto a Liturgia como a cultura, e, sobretudo, a própria Igreja saem ganhando neste processo. Ganha a liturgia porque se enriquece com a aquisição de novas formas de comunicar a sua força simbólico-salvífica. Ganha a cultura não só porque se sente respeitada e valorizada, como também porque recebe de si o dom precioso da fé sem ter que negar a si próprio. Ganha, enfim, a Igreja, por bem realizar a sua vocação missionária, permitindo que os mais diversos povos proclamem os louvores do Senhor em harmonia e sem rupturas com suas culturas e seu modo de ser.

A Igreja, que surgiu como um pequeno grupo em meio ao ambiente judaico, de início esteve profundamente marcada pelos modos e costumes próprios do judaísmo. E quando começa a se espalhar pelo mundo, por vezes, sente necessidade de renunciar a alguns elementos judaizantes e, outras vezes, obedece ao imperativo de se inculturar aos costumes dos povos com quem se relacionou. Mas, além de se inculturar aos povos, ela também teve que se inculturar à várias épocas culturais, aos vários séculos na evolução desses povos. Por ser a liturgia um dos aspectos mais exteriores e representativos da Igreja, capaz de apresentá-la como estandarte para os de fora (cf. SC 2), será ela a primeira a ter que realizar essa encarnação e adaptação na vida das gentes e nas várias épocas culturais. Inserir-se nas culturas foi sempre uma prática da Igreja. Assim, a palavra inculturação pode até ser nova, mas a realidade eclesial para a qual ela aponta é bem antiga, tão antiga como a própria Igreja. Esta, ao longo de toda a história, nada mais fez que ir mergulhando na realidade concreta dos

povos. Na liturgia isso se mostra bem evidente nos inúmeros testemunhos que a mesma história nos tem legado.

Diferenças entre criatividade, aculturação e inculturação.

Se quisermos dar à palavra inculturação um sentido técnico preciso, seria útil dizer que podemos delinear vários níveis de adaptação litúrgica. Assim, o encontro da liturgia cristã com uma determinada cultura pode gerar uma série de processos, tanto numa como noutra, dependendo sempre da maneira concreta como o encontro das duas se realiza. Desta forma, a aproximação entre a liturgia e a cultura gera criatividade litúrgica, aculturação ou, ainda, inculturação.

Na criatividade litúrgica, não se toca absolutamente na liturgia a não ser para fazê-la um pouco mais viva e mais próxima ao público que a celebra. Alguns aspectos da liturgia são aí realçados, melhor compreendidos e bem mais participados.

Na aculturação, um elemento de uma determinada cultura é inserido no rito romano. A condição é que este elemento tenha conaturalidade para exprimir o rito romano. Aculturação seria um pequeno “retoque” no rito romano, como por ex., a possibilidade de mudar a cor da veste do batismo, porque em algumas partes o branco é sinal de luto. Também a mudança da ordem de um rito é possível para se adaptar melhor a uma cultura.

Já a inculturação indica uma invasão da cultura, sendo processo difícil e muito arriscado. Aqui é a Igreja quem torna um elemento da cultura e o re-interpreta com referência a Cristo e à própria Igreja. A Igreja na inculturação de um matrimônio, por ex., diz: preparemos outro rito que não seja o romano. Tomemos tal rito dos pagãos e façamos dele a celebração sacramental romana. Isso é possível, basta haver um representante oficial da Igreja que receba o consenso, o qual não necessariamente deve ser verbal. Mas o matrimônio é o único sacramento que dá hoje amplas possibilidades de inculturação.

Na aculturação, em cada pequena mudança que se faz, já se sente um pouco de inculturação. Isso porque cada vez que introduzimos algo de um povo, temos também uma nova interpretação.

A MC e o processo de Inculturação

Graças a Deus, ninguém tem uma resposta pronta e muito menos mágica. Sabemos que inculturação é um processo lento, paciente e permanente. Graças a Deus estamos neste barquinho e não temos como voltar atrás.

Retomo o fio da conversa no começo do nosso encontro, voltando os pensamentos para as conclusões tiradas no ano passado: espaço, acolhida, presidência, mesa da Palavra, símbolos crioulos...

E no meu pensamento voltam algumas perguntas, que julgo pertinentes nesta altura da reflexão, com o objetivo de voltar ao leito do rio da inculturação e da MC.

O que vem a ser cultura gaúcha? Quais são as suas características?

Quais são os seus valores? Existem nela sinais da Páscoa ou da liturgia do Verbo Encarnado? Vamos juntos fazer essa pontualização.

O que é o Mistério Pascal? Por que Ele ocupa o centro da celebração cristã? O que Ele tem a ver com a vida e a história da humanidade e do povo gaúcho? Por que a Igreja o lembra,

cultiva e celebra todos os dias? Em que mesmo consiste a sua celebração? Por que é fundamental e decisiva a participação ativa da assembleia na sua celebração?

Em que consiste a participação ativa na celebração do Mistério Pascal? O que é participar na celebração – ativa, consciente, frutuosa, interior, exterior e piedosamente?

Celebração – vem de celebrar que significa tornar célebre, importante para a vida; é marcar um acontecimento. Celebrar passa pelo experimentar, ter prazer, mexe e envolve o sentimento, toca o afeto, funda-se no sentido que damos à vida, conduz à raiz e ao começo... aí está, na verdade, o motivo da festa de aniversário.

Celebrar – para o judeu significa lembrar, recordar, fazer memória, reviver, voltar ao começo e ao sentido original do acontecimento.

Celebrar é fazer ou tornar presente, hoje, no rito, o acontecido, o evento, a experiência de ontem, o compromisso assumido ou a bênção recebida, a aliança. A intervenção de Deus, a libertação, a manifestação ou a conquista de ontem...

Celebrar é alegrar-se com o acontecido ontem e festejar, hoje, a presença da maravilha, da libertação, da bênção de ontem continuada hoje.

Celebrar é tornar-se conivente, responsável, parceiro, companheiro, comprometido, integrado, inserido na história lembrada e celebrada.

A MC como memória da Páscoa de Cristo na cultura gaúcha é inserção na História da Salvação, no projeto de Deus, na prática do evangelho e na vida e na práxis de Jesus Cristo, bem como inserção renovada na cultura e na história do RS.

MC – inserção na Páscoa de Cristo e na História do RS. Uma não pode existir sem a outra. Ambas (Páscoa e cultura) estão a serviço da vida, da dignidade, da liberdade, da igualdade, da justiça e do Reino de Deus.

A MC faz memória da Páscoa e engaja na luta. A MC revive a Páscoa e faz o povo conivente com a história de ontem e de hoje do RS.

Na MC a Páscoa de Cristo e a cultura gaúcha andam de mãos dadas. Uma é responsável pela outra. Uma é conivente com a outra. Mas não se confundem nem se mesclam simplesmente. A missa é mais missa na medida que se incultura na cultura gaúcha. A cultura gaúcha é mais livre, autônoma e promotora da vida na medida em que se deixa invadir pela força pascal do Ressuscitado.

No meio da conversa que já vai longe, surgem dois cuidados que devemos ter:

- Para quem e com quem celebramos a MC? A MC como qualquer liturgia nunca é neutra, indiferente e desprovida de opção teológica. Ela sempre tem pátria, tem sonhos, tem nome, tem fé e faz a separação do joio e do trigo.

- A MC não é fim em si mesma nem mero cultivo das tradições, mas memória viva do povo gaúcho na sua relação com Deus, cultivado no passado, nessa e com essa cultura. Deus que sempre vai à frente nos mostrando caminhos de fraternidade, de partilha, de perdão que levam à vida plena em Cristo e por Cristo.

A MC é o ponto de encontro do povo gaúcho com o seu Deus e é o lugar onde Deus especialmente se encontra e fala com o povo gaúcho. Ela é a manifestação de quem é o nosso

Deus e o que faz e fez por nós. É renovação da aliança, da amizade e da parceria com Deus. É resgate da mais profunda tradição e culturas gaúchas. É um passo adiante na solidificação da cultura gaúcha, recuperando a sua identidade de povo que tem sua história, suas lutas, seus ideais, seus sonhos e decepções.

A MC é um espaço de formação comunitária, solidária e cultural. Espaço precioso da recuperação da cultura e de evangelização. Ou seja: A MC é evangelização por excelência e recuperação das raízes da cultura.

Ao lado dos CTGs e de outros movimentos de resgate e cultivo das tradições e das culturas do RG coloca-se a MC. Ela, porém, não é nem menos nem mais que o CTG e os movimentos de resgate da cultura. Mas o sal que dá sabor, o fermento que faz crescer e amadurecer a identidade e a pertença eclesial, a luz que aponta caminhos, memória que ajuda a reviver um passado e projetar o futuro.

A MC é elo de encontro, festa de casamento, a nova festa das Bodas de Cana entre cultura gaúcha com suas tradições, filosofias e valores com o Mistério da Encarnação do Verbo, feito carne e história, para trazer a vida em abundância para todos.

Obviamente, nessa nossa conversa, não podemos esquecer que em toda a cultura existem ambiguidades, limites, imperfeições e, às vezes, profundas contradições. E mais, não existe uma cultura pura. Nas culturas existe um processo dinâmico de evolução, amadurecimento e transformação. Logo a liturgia deve também estar inserida neste processo e sofre com as ambiguidades e contradições. Porque as culturas são dinâmicas, evoluem e se modificam, a MC deverá estar em permanente renovação e atualização porque inserida nessa cultura.

Conclusão

Alguns elementos indispensáveis para trabalhar ou atitudes que devem perpassar todo o processo de *Como Celebrar o Mistério Pascal na Cultura Gaúcha*

Conhecimento e vivência do Mistério Pascal e da celebração cristã.

Mergulho na cultura e na história gaúcha.

Valorização da participação do povo na celebração.

Consciência de que quem preside a celebração é o Cristo Ressuscitado e quando se proclama as leituras é Ele que está falando e atuando.

A inculturação é um processo lento, paciente, gradativo e permanente que exige diálogo, respeito mútuo (cultura e liturgia), tendo em vista a vida em abundância para todos e o crescimento da fraternidade e do amor pela justiça.

A convicção de que as “Sementes do Verbo” estão presentes em todas as culturas e dinamizam com a força Pascal o caminhar e os sonhos da humanidade.

A inculturação não é um fim, mas um meio, um caminho, uma luz para se chegar à compreensão e vivência do Reino, anunciado por Jesus Cristo e presente no mundo desde a criação.

A inculturação não são normas nem imposição de filosofias, mas opção de vida, eixo de espiritualidade e algo profundamente humano que passa pela acolhida sincera, diálogo sem preconceitos, serviço desinteressado, solidariedade aberta, cultivo da esperança e soma de

forças para a construção da justiça. São atitudes litúrgicas e vivência da liturgia de Deus. São sinais e sacramentos do Cristo que veio para servir. São gestos reveladores do Deus em quem cremos. São sacramentos que santificam e libertam as pessoas.

A inculturação da liturgia não nasce em Roma nem na cabeça do padre, mas é gestada e gerada pela ação da comunidade celebrante: no seu jeito de participar, cantar, fazer orações, proclamar as leituras, erguer as mãos, sentar-se, ouvir as orações, partilhar o abraço e o pão...

Importante que a comunidade saiba que a liturgia é uma ação ritual simbólica e nela e com ela acontece o diálogo da aliança e a ação libertadora e santificadora da Trindade.

Quando se fala em inculturação da liturgia, às vezes, esquece-se o elementar: a presença de Deus na criação, na história, na vida e nos gestos humanos e que toda a criação é sacramento do Criador. A natureza fala de Deus e leva até Deus. Dele viemos e para Ele voltamos.

O segredo está em “religar” (religião) a criação com Deus e dar-se conta que Ele continua criando, sustentando e alimentando a vida. O que é a respiração senão a presença viva do Espírito de Deus em nós?

Por isso, os elementos básicos da liturgia são os elementos mais cotidianos do homem: água, luz, óleo, ar, alimento, pão, vinho,...

Esses elementos são levados para a celebração e se tornam sinais visíveis e palpáveis da ação amorosa de Deus por nós. Lembram que são para promover, sustentar e defender a vida. Favorecem a experiência da partilha de Deus, o pacto da aliança e do encontro amoroso e gratuito com Deus.

A inculturação que passa pelo diálogo com as culturas ajuda a entender a grandiosidade e misericórdia do nosso Deus e desperta maior amor à vida. Por isso, a inculturação sadia leva a um amadurecimento da fé, a libertação de preconceitos, a construção da fraternidade e a superação de dogmatismos e fundamentalismos.

A inculturação da MC tem sentido quando conduz à revelação de quem é o nosso Deus como amigo, liturgo, companheiro, libertador, cheio de misericórdia, Deus da aliança, fonte de vida e santidade.

A MC adquire seu pleno vigor quando proporciona o encontro com esse Deus, num clima familiar e de fraternidade e mostra Deus bem próximo, presente e agindo nos acontecimentos e se manifestando nos gestos e atitudes de solidariedade.

A MC alcança seu objetivo quando irmana o RG na Páscoa do Cordeiro e faz dos gaúchos uma fraternidade, despertando os valores da cultura e da tradição, reconhecendo que a liturgia do Deus liturgo perpassa e alimenta a vida, o trabalho, as dores, as alegrias, as esperanças e a história do povo gaúcho.

A MC é expressão (deverá ser) do povo gaúcho que caminha com o seu Deus e a certeza plena de que Deus não o abandona, mas o ama, abençoa e é o parceiro fiel no caminho e na luta.

Fica a pergunta: Como traduzir tudo isso na preparação, animação e presidência da MC, tendo presente que inculturar significa:

- trazer Deus para bem juntinho do povo
- mostrá-lo presente na cultura

- que a cultura é a linguagem do encontro do povo com o seu Deus?

Pe. Marcelino Sivinski
Assessor da Dimensão Litúrgica da CNBB
Brasília, 2004